

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Linguística, Letras e Artes:

Sujeitos, Histórias e Ideologias

2

 **Atena**
Editora

Ano 2021

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Linguística, Letras e Artes:

Sujeitos, Histórias e Ideologias

2

 **Atena**
Editora

Ano 2021

Editora ChefeProf^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Elói Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlindo Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miraniide Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andrezza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenología & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvío Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Linguística, letras e artes: sujeitos, histórias e ideologias 2

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Maiara Ferreira
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755 Linguística, letras e artes: sujeitos, histórias e ideologias 2 /
Organizador Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos. –
Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-028-2

DOI 10.22533/at.ed.282212804

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Vasconcelos,
Adailson Wagner Sousa de (Organizador). II. Título.
CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Em **LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: SUJEITOS, HISTÓRIAS E IDEOLOGIAS 2**, coletânea de vinte e um capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, congregamos discussões e temáticas que circundam a grande área da Linguística, Letras e Artes e dos diálogos possíveis de serem realizados com as demais áreas do saber.

Temos, nesse volume, dois grandes grupos de reflexões que explicitam essas interações. Neles estão debates que circundam estudos linguísticos; e estudos em artes.

Estudos linguísticos traz análises sobre tempos verbais, formas de tratamento, língua de herança, linguagem oral, análise do discurso, subjetividade, multimodalidade, argumentação, gêneros textuais.

Em estudos em artes são verificadas contribuições que versam sobre dialogismo bakhtiniano, música, performance, viola, canto, consultoria musical, samba, arte e representação japonesa.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ENSINANDO OS TEMPOS VERBAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA	
Afrânio da Silva Garcia	
DOI 10.22533/at.ed.2822128041	
CAPÍTULO 2	15
FORMAS DE TRATAMENTO EM PERSPECTIVA	
Luiz Antônio da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2822128042	
CAPÍTULO 3	26
ENTRE A LÍNGUA DE HERANÇA E O PORTUGUÊS NA REGIÃO COLONIAL ITALIANA DO RIO GRANDE DO SUL, BRASIL: TENSIONAMENTOS, PROIBIÇÕES E INTERDIÇÕES NO ESTADO NOVO GETULISTA (1937-1945)	
Carmen Maria Faggion	
Terciane Ângela Luchese	
DOI 10.22533/at.ed.2822128043	
CAPÍTULO 4	44
A LINGUAGEM ORAL EM QUISSAMÃ: UM RESGATE PIONEIRO E ÚNICO	
Carmen Elena das Chagas	
DOI 10.22533/at.ed.2822128044	
CAPÍTULO 5	59
O NARIZ DE PALHAÇO COMO UMA MÍDIA	
Romulo Santana Osthues	
DOI 10.22533/at.ed.2822128045	
CAPÍTULO 6	74
ESTETIZAÇÃO DA SUBJETIVIDADE: FORMAS CONTEMPORÂNEAS DE CUIDADO E PRODUÇÃO DE SI MESMO	
Kleber Prado Filho	
DOI 10.22533/at.ed.2822128046	
CAPÍTULO 7	83
MULTIMODALIDADE E ARGUMENTAÇÃO: ELEMENTOS INDISSOCIÁVEIS DA PRÁTICA INTERATIVA REALIZADA NO PROCESSO COMUNICATIVO	
Wedja Nívea da Silva Cavalcanti	
DOI 10.22533/at.ed.2822128047	
CAPÍTULO 8	95
ARGUMENTAÇÃO JURÍDICA E O GÊNERO CONTESTAÇÃO	
Célia Maria de Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.2822128048	

CAPÍTULO 9	111
GÊNEROS TEXTUAIS NOS MANUAIS DE PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA: O QUE FALTA?	
Regina Lúcia Péret Dell'Isola	
DOI 10.22533/at.ed.2822128049	
CAPÍTULO 10	122
ANÁLISE COMPARATIVA DE EDITORIAIS NOS JORNAIS FOLHA DE S.PAULO E ESTADO DE S. PAULO	
Verônica Mendes de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.28221280410	
CAPÍTULO 11	135
NOTA JORNALÍSTICA CONCRETIZA O DISCURSO DE INSTITUIÇÃO BANCÁRIA: UMA METODOLOGIA PARA ANALISAR O DISCURSO ORGANIZACIONAL	
Marta Cardoso de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.28221280411	
CAPÍTULO 12	147
DIALOGISMO BAKHTINIANO COMO FERRAMENTA MUSICOLÓGICA	
Felipe Mendes de Vasconcelos	
Oíliam José Lanna	
DOI 10.22533/at.ed.28221280412	
CAPÍTULO 13	157
O PAPEL DA ARTE EM TEMPOS DE PANDEMIA: MÚSICA E “INDÚSTRIA DO ISOLAMENTO”	
Eder Flávio Moura Bonfim	
Camila Cristina dos Santos	
Maria Flávia Silveira Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.28221280413	
CAPÍTULO 14	176
ASPECTOS DA CONSTRUÇÃO DA PERFORMANCE EM UM QUINTETO DE METAIS: TEMPO E SINCRONIA NA PREPARAÇÃO DE REPERTÓRIO	
Gabriel Ferraz da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.28221280414	
CAPÍTULO 15	188
A CASTA DE LIÇÕES, OBRA DIDÁTICA E MUSICAL DE PEDRO LOPES NOGUEIRA (CA. 1720)	
Gustavo Medina	
Márcio Páscoa	
DOI 10.22533/at.ed.28221280415	
CAPÍTULO 16	203
PRECIPÍCIO DE FAETONTE: ANÁLISE PARA RECONSTRUÇÃO DA PARTE DE VIOLA E	

CANTO DA ÁRIA NAS PUPILAS DOS MEUS OLHOS

Gabriel de Sousa Lima

Márcio Leonel Farias Reis Páscoa

DOI 10.22533/at.ed.28221280416

CAPÍTULO 17.....217

OS TRIOS DE AVONDANO EM DRESDEN: DIÁLOGO ENTRE ESTILOS E GÊNEROS

Manoella Coutinho Costa

Márcio Leonel Farias Reis Páscoa

DOI 10.22533/at.ed.28221280417

CAPÍTULO 18.....237

ORNAMENTAÇÃO LIVRE NAS TRIO-SONATAS *OPUS III* DE A. CORELLI

Roger Lins de Albuquerque Gomes Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.28221280418

CAPÍTULO 19.....252

A CONSULTORIA MUSICAL NA ELABORAÇÃO DE ROTEIROS DE AUDIODESCRIÇÃO PARA CONCERTOS DE MÚSICA INSTRUMENTAL ERUDITA: UM PROCESSO DE MUSICALIZAÇÃO

Felipe Vieira Monteiro

DOI 10.22533/at.ed.28221280419

CAPÍTULO 20.....259

HISTÓRIA CANTADA: A LETRA DE SAMBA CONTIDA NA OBRA *DESDE QUE O SAMBA É SAMBA*, DE PAULO LINS, COMO UMA NARRATIVA COMPLEMENTAR A DIEGESE

José Carlos Patrício

Walnice Aparecida de Matos Vilalva

DOI 10.22533/at.ed.28221280420

CAPÍTULO 21.....272

ARTISTAS DA REPRESENTAÇÃO JAPONESA E PREMIAÇÕES NA BIENAL DE SÃO PAULO ENTRE 1951 E 1963

Celine Miyuki Hirose

DOI 10.22533/at.ed.28221280421

SOBRE O ORGANIZADOR.....284

ÍNDICE REMISSIVO.....285

CAPÍTULO 13

O PAPEL DA ARTE EM TEMPOS DE PANDEMIA: MÚSICA E “INDÚSTRIA DO ISOLAMENTO”

Data de aceite: 26/04/2021

Data de submissão: 01/02/2021

Eder Flávio Moura Bonfim

Escola de Artes, Ciências e Humanidades da
Universidade de São Paulo, São Paulo - SP
<http://lattes.cnpq.br/5648812379984206>

Camila Cristina dos Santos

Escola de Artes, Ciências e Humanidades da
Universidade de São Paulo, São Paulo - SP
<http://lattes.cnpq.br/5901010637595386>

Maria Flávia Silveira Barbosa

Escola de Artes, Ciências e Humanidades da
Universidade de São Paulo, São Paulo - SP
<http://lattes.cnpq.br/4100924523864321>

RESUMO: Neste texto, buscamos compreender o papel da arte e dos artistas, na sociedade capitalista, especificamente, durante a pandemia de Covid-19. Nosso recorte metodológico abarca *lives* e outras postagens de músicos representantes de diferentes gêneros e estilos musicais, no período de 21.04 a 08.08.2020, na tentativa de compreender o uso que os artistas fizeram de ferramental tecnológico como, plataformas de compartilhamento de vídeos, redes sociais etc. (possibilidade quase inescapável, por conta da necessidade de isolamento físico). Sobre esse material empírico, desejamos saber: têm os artistas se valido de tais recursos para concretar a função da arte? O fundamento que orienta a compreensão de arte e função da arte

que assumimos são as elaborações de Lev Vigotski. Para ele, o verdadeiro efeito da obra de arte é a *catarse* – uma transformação qualitativa dos sentimentos, entendida como *elaboração superior da consciência*; sentimentos comuns, contraditórios, caóticos têm, na fruição estética, a possibilidade de ser reelaborados no sentido de uma compreensão mais elevada da própria vida. Buscamos ainda o suporte teórico de autores do campo marxista, como Adorno, Sánchez Vázquez, Silva, entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia histórico-cultural, Arte/Música, Formação humana.

THE ROLE OF ART IN PANDEMIC TIMES: MUSIC AND “ISOLATION INDUSTRY”

ABSTRACT: In this text, we seek to understand the role of art and artists, in capitalist society, specifically, during the Covid-19 pandemic. Our methodological approach includes live streams and other posts by musicians representing different genres and musical styles, from 21.04 to 08.08.2020, in an attempt to understand the use that artists made of technological tools such as video sharing platforms, social networks etc. (almost inescapable possibility, due to the need for physical isolation). About this empirical material, we want to know: have the artists used these resources to realize the function of art? The foundation that guides the understanding of art and the function of art that we assume are Lev Vigotski's elaborations. For him, the real effect of the work of art is a catharsis - a qualitative transformation of feelings, understood as a superior preparation of consciousness; common, contradictory, chaotic have, in aesthetic fruition,

a possibility of being reworked in the sense of a higher understanding of life itself. We also seek theoretical support from authors in the Marxist field, such as Adorno, Sánchez Vázquez, Silva, among others.

KEYWORDS: Historical-cultural psychology, Art/Music, Human formation.

INTRODUÇÃO

Ante a maior crise do capitalismo, de todos os tempos (cf., por exemplo, Botelho, 2019; 2020 e Gouvêa, 2020), vivenciamos, desde o início de 2020, uma pandemia de proporções inesperadas. São quase 100 milhões de casos confirmados, em todo o mundo; quase 9 milhões, em nosso país. Em número de óbitos, mais de 2 milhões e perto de 220 mil, respectivamente, no mundo e no Brasil¹, no momento em que finalizamos este artigo. O vírus, contudo, não é o responsável pela atual crise, como vem sendo justificado por alguns meios de comunicação e alguns governantes. Diz Botelho (2020, online),

não é a primeira vez que se aponta a causa da crise econômica em elementos alheios aos processos econômicos básicos – baseando-se no pressuposto circulatório perfeito [refere-se à comparação entre a circulação sanguínea e o funcionamento da economia, proposto por François Quesnay], qualquer evento ou coisa podem ser responsabilizados. A própria história das crises poderia ser reconstituída por essas falsas atribuições. [...] Com o coronavírus se repete a constante externalização de causas. Embora seja motivo para grande preocupação, o vírus está longe de ser a razão da crise. Somente o positivismo sedimentado como forma corriqueira do pensamento pode estabelecer um vírus como causa de uma crise econômica: a prisão cognitiva a um mundo factualmente articulado por causas e efeitos imediatos é parte da estrutura mecânica abstrata da ciência moderna. [...] A crise que se anuncia não resulta de uma interferência externa, muito menos é o mecanismo de “limpeza de terreno” de sempre. Aqui temos problemas estruturais em processo há quatro décadas que têm empilhado soluções mundiais fracassadas.

Evidentemente, não é o caso de afirmar que a pandemia não está provocando danos ou não irá trazer outros ainda maiores às já combalidas economias nacionais, em especial, para os países da periferia do capital. Os desdobramentos da próxima ofensiva capitalista para recuperar suas taxas de lucro – que certamente virá – dependerão da correlação de forças, no âmbito da luta de classes; nada autoriza a pensar que será um período fácil, o pós-pandemia.

Considerando a gravidade da situação, o leitor pode se perguntar: por que falar sobre arte, nesse momento? Outros temas não seriam mais urgentes? Dúvida certamente válida, mas o fato é que a pandemia tem provocado reflexões em e sobre os mais diferentes setores da vida social. E assumindo, como nós assumimos, uma concepção de arte que a considera como algo muito além de mero entretenimento, consideramos importante levantar aqui algumas questões. Assim, começaremos explicitando a concepção de arte

1. Dados da Johns Hopkins University. Disponível em: <https://coronavirus.jhu.edu/map.html>. Acesso em: 26.01.2021.

que aqui se assume, para tentar deixar delimitada a nossa compreensão acerca de sua função na vida das pessoas. Será preciso, também, localizar a produção artística na forma específica de organização societária em que vivemos – qual o sentido da produção artística no capitalismo e quais relações artista e obra de arte estabelecem com o público (ouvintes, leitores, espectadores etc.)? A seguir, traremos algumas informações sobre o trabalho de artistas, a partir de meados de março; mais especificamente, lançaremos um olhar para o uso (quase que exclusivo, por conta da necessidade de isolamento físico) de tecnologias como, plataformas de compartilhamento de vídeos, redes sociais etc., por músicos brasileiros. Esse material empírico será o ponto de partida para a reflexão sobre como os artistas têm se valido de tais recursos para concretar (ou não) a função da arte, que explicitamos.

UMA CONCEPÇÃO DE ARTE

Em consonância com a perspectiva teórica que matrizava este artigo, chamaremos ao debate dois autores marxistas que refletiram também sobre arte. São eles: Adolfo Sánchez Vázquez e Lev S. Vigotski; suas concepções vão nos ajudar a compreender 1) a essência da arte, 2) a natureza da reação estética e 3) sua função na vida dos homens. Sánchez Vázquez, em oposição a autores que entendem arte como ideologia e como forma de conhecimento, de um modo estante segundo sua análise, formula a ideia da *arte como criação*: “reduzir a arte à ideologia ou a uma mera forma de conhecimento é esquecer que a obra artística é, antes de mais nada criação, manifestação do poder criador do homem” (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 1978, p. 45). Evidentemente, não se deve vislumbrar nessa afirmação nem um átomo de idealismo; ao contrário, o autor formula essa ideia a partir de Marx, em seus *Manuscritos econômico filosóficos de 1844*. Nessa obra, Sánchez Vázquez encontra subsídios para compreender a “natureza criadora comum” (Idem, p. 47) entre arte e trabalho; esse seria o “extrato mais profundo e originário [da arte]: o de ser uma forma peculiar de trabalho criador” (Idem, p. 47). Esse entendimento abarca, na opinião do autor, o reconhecimento da arte como forma de ideologia e como forma de conhecimento, sem excluir a sua verdadeira substância: a criação; e põe em relevo que arte e trabalho não são atividades antagônicas, mas partilham essa mesma essência².

O psicólogo russo Lev S. Vigotski, ao formular sua teoria da reação estética, postula a arte como *técnica social do sentimento*. Vamos tentar compreender a ideia, destrinchando seus elementos. *Técnica*: acreditamos que Vigotski esteja se fundamentando em Marx para considerar a arte como objetivação de forças essenciais humanas, da mesma forma que o são os dispositivos técnicos, o conhecimento científico etc. O termo *técnica* coloca a arte em relação com outras técnicas e objetos criados pelo homem; o que a diferencia deles é tratar dos sentimentos. *Social*: diz o autor russo, em uma emblemática passagem, “a arte

2. A um só tempo, postula arte como trabalho e trabalho como atividade criadora humana. Da configuração que ambos assumem no capitalismo, trataremos adiante.

é o social em nós” (VIGOTSKI, 1998, p. 315); social é, pois, a raiz e a essência da arte. Na obra de arte, o artista objetiva seus sentimentos (que são de origem social, sempre) e um receptor deles se apropria, formando assim, um duplo vetor: objetivação <-> subjetivação de sentimentos (sociais por sua natureza). *Do sentimento*: designa a especificidade da arte.

Continuemos um pouco mais com Vigotski. Para ele, o material que serve de base à criação da obra artística é a própria vida (acontecimentos, relações, caracteres, lugares, sentimentos etc.). O trabalho artístico consiste justamente em tomar esse material e transformá-lo em algo novo, que não estava nele, *a priori*. Ao elaborar a obra de arte, o artista torna objetivos, dá concretude, aos sentimentos, o que possibilita ao fruidor se relacionar objetivamente com eles, quer dizer, como se fossem objetos, de maneira objetiva. Esse processo provoca naquele que aprecia a obra de arte uma transformação qualitativa dos próprios sentimentos, o que Vigotski entende como o verdadeiro efeito da obra de arte: a *catarse*. Essa transformação qualitativa dos sentimentos (catarse), é por nós entendida como *elaboração superior da consciência*; em outras palavras, sentimentos comuns, contraditórios, caóticos têm, na fruição estética, a possibilidade de ser reelaborados no sentido de uma compreensão mais elevada da própria vida.

A vivência estética aproxima o indivíduo da experiência constituída historicamente por todo o gênero humano; esse compartilhar de experiências *humanas* permite a superação da “nossa vida comum”, como diz Vigotski em uma passagem sobre *Hamlet*, de Shakespeare:

a tragédia pode obter esses efeitos incríveis [a catarse] sobre os nossos sentimentos precisamente porque os leva a transformar-se constantemente em seus opostos, a enganar-se em suas expectativas, a esbarrar em contradições, a desdobrar-se; e quando vivemos Hamlet temos a impressão de que vivemos milhares de vidas humanas em uma noite e, de fato, conseguimos experimentar mais emoções do que em anos inteiros da nossa vida comum (VIGOTSKI, 1998, p. 243).

Contudo, não é toda criação no campo da arte que carrega esse potencial de promover catarses. Na sociedade capitalista, a produção e o consumo de uma arte cuja função é apenas o entretenimento são infinitamente maiores. Não se trata de banir essa produção do campo da arte – esse seria o caminho fácil –, mas é preciso distinguir entre essa e a arte que promove a elevação das consciências – “as duas esferas desempenham papéis diferentes em suas relações com a vida cotidiana” (FREDERICO, 2013, p. 136). Arte-entretenimento, em oposição ao que foi dito anteriormente, mantém o indivíduo nos limites da cotidianidade e da individualidade alienada; não possibilita a apropriação de toda a riqueza do gênero humano.

Vejamos como Sánchez Vázquez analisa as relações entre arte e capitalismo, a partir da afirmação de Marx: “assim se pode explicar que a produção capitalista seja hostil a certas produções de tipo artístico, tais como a arte e a poesia” (MARX *apud* SÁNCHEZ

VÁZQUEZ, 1978, p. 169). Marx não desenvolve essa ideia, por isso, Sánchez Vázquez se dedica a desvelar-lhe a origem e a essência. Apresentar aqui todas as descobertas do autor espanhol, mesmo que sucintamente, fugiria aos nossos propósitos; assim, traremos apenas algumas delas, para ajudar em nossas reflexões. Em primeiro lugar, é necessário deixar claro que a arte tem se desenvolvido, apesar da hostilidade capitalista. Isso é inegável! O entendimento marxiano é válido, portanto, para a produção artística que se encontra, por diferentes razões, sob o jugo dos critérios de produtividade capitalistas – trabalho assalariado, mercado, lucro etc.; também é verdade que alguns setores da arte estão mais sujeitos a essas leis que outros.

Quanto mais profundo é o interesse pela produtividade material da obra de arte – interesse determinado, por sua vez, pelo montante do capital investido e dos lucros ou perdas em jogo – tanto mais limitada é a liberdade de criação, tanto mais dirigido é o processo de criação e tanto mais se tenta ajustá-lo a prescrições que assegurem sua aceitação por um público de massa (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 1978, p. 245).

Dois pólos podem ser observados, de acordo com Sánchez Vázquez: por um lado, a hostilidade do capitalismo e, por outro, o desenvolvimento da arte. Esses pólos não se relacionam de maneira estanque, imutável ou unidirecional; variam quanto ao período histórico, o grau de desenvolvimento da sociedade e as características de cada ramo artístico. Porém, a hostilidade se configura mais agressiva quanto mais se impõe à criação artística o jugo da produção material capitalista. Apesar de certa dificuldade em reduzir o trabalho artístico ao trabalho geral abstrato, na sociedade capitalista, a obra de arte tem, além de valor de uso – o que faz com que possa satisfazer necessidades humanas –, também, valor de troca.

Convertida em mercadoria, a obra de arte perde sua significação humana, sua qualidade, sua relação com o homem. Seu valor – sua capacidade de satisfazer uma necessidade humana específica mediante suas qualidades estéticas – já não se funda nela mesma, e, portanto, em suas qualidades estéticas específicas, mas em sua capacidade de produzir lucro (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 1978, p. 216).

Analisemos ainda um outro ponto, com a ajuda de Sánchez Vázquez: a relação entre produção e consumo. Seguindo as formulações de Marx, o autor espanhol afirma a reciprocidade dessas relações; o consumo determina, em parte, a produção, porém, a produção não se submete passivamente ao consumo e o determina sob três aspectos: 1) a produção engendra o consumo – sem a criação artística não haveria fruição; 2) a produção produz o modo de consumir o objeto; e 3) a produção estabelece a necessidade do produto criado. Sobreleva, aqui, a dupla capacidade criadora da arte: cria, ao mesmo tempo, o objeto e o sujeito da fruição. E, nesse sentido, coloca-se a possibilidade de criar justamente obras que promovam a elevação das consciências.

A lógica da propriedade privada, contudo, se sobrepõe a essa dupla capacidade; premida pela necessidade de lucro, a criação artística vê-se tolhida em sua liberdade de expressão, diante da exigência de ser consumida por um público sempre maior. Ocorre o que Sánchez Vázquez nomeia “estandardização”; o objeto artístico torna-se próprio para o consumo dos homens-massa³ – de fato, é produzido com essa finalidade –; torna-se, portanto, arte de massas. O autor assim delimita a arte de massas:

neste tipo de produção pseudo-artística, os grandes problemas humanos e sociais são afastados, em favor de uma suposta necessidade de satisfazer um legítimo desejo de entretenimento, e, quando algum deles é mencionado, transita-se sempre pela superfície, com soluções que não abalam a confiança na ordem existente, empobrecendo as ideias, rebaixando os sentimentos e barateando as mais profundas paixões (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 1978, p. 278).

E logra alcançar tudo isso graças a

uma linguagem astutamente fácil, que corresponde à sua [do homem-massa] falta de profundidade humana; uma linguagem que assegura uma inteligibilidade e comunicação tão mais extensas quanto mais superficial e vazio for o seu conteúdo e quanto mais pobres, banais e débeis forem seus meios de expressão (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 1978, p. 278).

Finalizamos por aqui, com essa rápida apresentação do estudo de Sánchez Vázquez sobre os problemas da arte no capitalismo. Antes de passar para o próximo item, convém esclarecer que as colocações do autor acerca da arte de massas vão muito além da simples oposição erudito *versus* popular. De fato, não haveria interpretação mais equivocada de suas elaborações do que reduzi-las a esse falso binômio. Mas essa questão terá que ficar para uma outra oportunidade.

REFLEXÕES A PARTIR DO CONCEITO DE *INDÚSTRIA CULTURAL*

Também T. W. Adorno e M. Horkheimer, ambos da Escola de Frankfurt, ajudam a compreender o problema da arte sob o capitalismo. A expressão *indústria cultural* foi utilizada originalmente no livro *Dialética do esclarecimento* (1985), com objetivo de identificar um fenômeno característico do capitalismo presente nas sociedades industriais do século XIX: a criação de um mercado consumidor de bens culturais, massificado, alienante e reproduzidor, que vinha se estabelecendo há algumas décadas. Equivalente ao fetichismo da mercadoria, configura-se como a penetração do valor mercantil na produção dos bens culturais, sobretudo, a partir da concentração do capital; essa indústria surge, então, juntamente com o capitalismo monopolista. Adorno e Horkheimer, ao pensar nesse conceito, se preocuparam com o modo como a indústria cultural deformava a consciência

3. “O homem ideal, do ponto de vista dos interesses deste capitalismo voraz, é o homem engendrado por suas próprias relações: isto é, o homem despersonalizado, desumanizado, oco por dentro, esvaziado de seu conteúdo concreto, vivo, que pode se deixar modelar docilmente por qualquer manipulador de consciências; em suma, o homem-massa” (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 1978, p. 276).

do sujeito, pois com esse instrumento o capitalismo seria aceito, reproduzido e desejado. O mesmo conceito tem correspondência na *indústria ideológica*, desenvolvido por Ludovico Silva em seu livro *A mais-valia ideológica* (2017). De acordo com o autor venezuelano, com a expressão cunhada por Adorno e Horkheimer, ainda se pode ter a impressão de que existe cultura nessa indústria, mas, na verdade, apenas é a deformação e justificação dos interesses de classes; logo, inteiramente ideológica. Podemos também observar uma correspondência em Pier P. Pasolini (1968) em uma das suas obras mais memoráveis, o filme *Teorema*⁴, onde já se mostra o pensamento do autor na denominada *homologação cultural*, baseada no conceito de hegemonia de Antonio Gramsci, em que o sujeito afirma e deseja a ideologia dominante, tornando-se conformista e alienado.

Um pouco antes disso, J. Ortega y Gasset utilizou o conceito do *homem-massa*, em seu livro *Rebelião das massas* (1929), para se referir ao sujeito que ele identificava, naquele momento, na sociedade, como uma expressão do conformismo em relação às determinações exteriores. O indivíduo e sua individualidade saem de cena e dão lugar ao sujeito que busca enquadrar-se nas determinações genéricas do mundo social massificado (RODRIGUES, 2020). Sentindo-se confortável quando se vê igual a todo mundo, em conformidade com aqueles que o rodeiam, tornando-se passivo à vida cotidiana. Sánchez Vázquez também se refere ao *homem-massa*, como vimos anteriormente, considerando a arte de massa, em sentido pejorativo, como uma pseudo-arte produzida de cima para baixo. De acordo com Sánchez Vázquez, ao contrário, a classe proletária, por estar em posição de reivindicação da essência humana, mereceria uma arte superior, emancipatória e não seu antônimo.

Com a pós-revolução industrial (século XX), a produção se torna mecanizada, a maior parte dos operários e trabalhadores manuais em geral passa a poder desfrutar do tempo livre, havendo assim uma maior procura por atividades de entretenimento. Consequentemente, uma maior necessidade das classes dominantes controlarem e assegurarem, não só seu poder na luta de classes, mas também impulsionar a soberania do capital, pelas mesmas vias. Ou seja, percebe-se mais um caminho para a disseminação da ideologia burguesa nos tecidos sociais, por meio do consumo de entretenimento baseado nas artes integradas como um produto, estabelecendo assim uma *cultura de massa*, na qual prevalece a orientação mercantil e em que o sucesso material é o valor predominante. Segundo Erich Fromm (2015), pouca razão há para surpresa no fato de seguirem as relações do amor humano os mesmos padrões de troca que governam os mercados de utilidades e de trabalho. Na concepção da indústria cultural, o homem é simplesmente um instrumento de trabalho e de consumo, transformando-se em objeto – sua coisificação. Trata-se de processo tão bem manipulado que até mesmo seu lazer se torna uma extensão do trabalho.

4. O filme italiano de 1968, retrata a história de um indivíduo e a sua influência em uma família burguesa. Curiosamente, cada membro da família representa uma instituição e um segmento da sociedade italiana. Através de suas personagens o filme critica a futilidade, o comodismo e a alienação da burguesia.

Ludovico Silva, no livro anteriormente referido, traz a reflexão de que esse entretenimento na verdade, é preenchido pelo capital com mensagens de justificação do sistema; que aliena e impele o sujeito a continuar, não só a ser explorado materialmente, como também o transforma em uma espécie de guardião da ordem burguesa. Ou seja, o trabalhador passa a ser defensor de uma ideologia que o prejudica e o mantém de joelhos. Logo, o processo de exploração do trabalho, não somente extrai o trabalho excedente, mas também uma energia psíquica excedente.

Com o advento dos meios de comunicação de massa, alinhados à globalização, tornou-se possível a homogeneização cultural, importada das grandes potências mundiais, causando um enfraquecimento e ameaçando a cultura popular. Dentro do campo das artes, um exemplo prático disso seria o consumo da cultura veiculada por meio de plataformas de filmes e séries de TV. Nas telenovelas, destinadas aos homens-massa, a arte imita a vida e/ou a vida imita a arte, pois vendem-se personagens idealizados que, se aparecem fora do mundo televisivo (na “vida real”), serão aceitos, independente do meio em que estão inseridos.

O modelo e estilo de vida hollywoodiano, a presença majoritária de músicas em inglês nas rádios, ou até mesmo essa idealização falsa nas telenovelas, supracitada, em que, na maioria das vezes, não se retrata a realidade e a cultura do povo, e quando se faz é de forma romantizada, maquiando a desigualdade e tantos outros meios de propaganda, persistem incansavelmente em um projeto de hegemonização de determinados aspectos culturais, voltados para a sustentação e manutenção do sistema capitalista.

Se é verdade que a oferta condiciona a demanda, oferte-se sistematicamente o *Programa do Faustão*, aos domingos à noite, e a massa aceitará; ofertem-se filmes do cineasta marxista Jean-Marie Straub ou do brasileiro Glauber Rocha, por exemplo, da mesma forma, e o *Faustão* poderá sair de cena. A televisão produz o esquecimento, já o bom cinema - do ponto de vista da crítica marxista, desalienador - produz a reminiscência daquilo que não deve ser lembrado para continuação da dominação cíclica. Walter Benjamin, em seu livro *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* (1987), introduz o conceito de *aura*: afirma que a arte tem aura, a qual representa sua singularidade e, quando a tornamos mecanizada e a copiamos, essa aura vai se perdendo. Ou seja, a aura é o que torna a obra única, original e contendo a essência de seu criador, e isso acaba se perdendo na medida em que passa a ser reproduzida de forma serial. Pois já não tem mais o intuito de despertar emoções e reflexões, apenas o ato de comércio. Não deixa de ser arte, mas sua aura é destruída.

Benjamin também destaca o cinema como um grande agente da indústria cultural. Originou-se no final do século XIX, já dentro de um capitalismo moderno, conseqüentemente com a necessidade de atingir grandes públicos consumidores e se tornando um instrumento importante como fator de alienação – principalmente, o produzido na grande indústria cultural, como Hollywood e Disney. As artes plásticas sofreram um processo

de transformação, nesse período, pois antes os artistas, ao concluírem as suas obras, desejavam que elas fossem vistas por uma ou poucas pessoas, porém, com o advento da fotografia, que atingia maior número de pessoas, devido a sua reprodução, os artistas necessitam alcançar maiores mercados, saindo da exclusiva relação com os mecenas. Entretanto, o cinema se diferencia das artes plásticas e da literatura, pois se trata de uma criação coletiva para a sua produção, o que dá uma exigência de atingir grandes públicos, tornando-se uma cultura de massas.

O potencial de alienação e de atingir grandes públicos foi fator preponderante para regimes totalitários com apelos nacionalistas usarem o cinema para propagar ideais. A Alemanha nazista é um grande (senão, o maior) exemplo desse tipo de cenário. O uso controlado da cultura e da arte foi uma grande arma para a manipulação do povo alemão, não só o cinema, mas também livros, peças teatrais, programas de rádio, exposições em museus, galerias de artes etc., todos com a finalidade de tornar natural a violência cotidiana do regime, além de disseminar os valores e ideais a serem assimilados à sociedade. Durante o Terceiro Reich, os nazistas se empenharam profundamente naquilo que eles acreditavam ser uma “guerra cultural” (CARVALHO, 2020). Uma espécie de embate simbólico, no plano das letras e imagens, uma maneira de ganhar mentes e corações, já que são os meios em que é dado um rosto ao país, seu povo e sua realidade. Tornando assim a cultura como mais um recurso político.

Na atualidade, vemos que esse tipo de propaganda se transferiu para a internet de modo geral, seja em redes sociais, em plataformas de vídeos ou por qualquer busca dentro desse mundo virtual, onde não se pode ter controle das informações e sua veracidade. A tecnologia é a ideologia da contemporaneidade. O uso da tecnologia se tornou mais recorrente como uma das consequências da pandemia do novo coronavírus. Durante esse período, houve inúmeras discussões em fóruns na internet e nas próprias redes sociais, sobre questões antifascistas, que se tornaram mais presentes, como, por exemplo, as decorrentes da onda de protestos anti-racistas estadunidenses, iniciados pelo assassinato de George Floyd⁵ e de movimentos anti-democráticos presentes no Brasil, alguns apoiados pelo próprio Presidente da República.

Em um momento histórico atípico como o da pandemia atual, querendo ou não, para uma maior parte da população, tornaram-se visíveis as falhas do capitalismo, mesmo que muitos não o vejam como real âmbito das opressões e da desigualdade, seja de classe, racial ou de gênero. De um lado, percebemos que, os que lutam contra a ideologia vigente e todo o aparato desse sistema classicista, ainda não são suficientes para a ruptura dessa ordem; de outro, observamos cada vez mais uma *anestesia social*, em que a grande massa segue mantida sob controle, mesmo vivenciando em suas vidas e tendo acesso todos os

5. George Floyd foi um afro-americano assassinado em Minneapolis, no dia 25 de maio de 2020, estrangulado por um policial branco que se ajoelhou em seu pescoço durante uma abordagem por, supostamente, usar uma nota falsificada de vinte dólares em um supermercado. Floyd morreu asfixiado. Sua morte desencadeou uma onda de protestos anti-racistas pelos EUA e outros países ao redor do mundo.

dias a informações sobre acontecimentos sociais, econômicos e políticos, cujo alcance nunca foi tão dinâmico, graças ao avanço tecnológico. Apesar da aparente insatisfação geral, a indignação e sensação de mudança se limita a isso, um acontecimento que te deixa com raiva ou triste e logo após um vídeo engraçado que te faz rir e esquecer o mundo real, como só mais uma informação que se viu rolando, incansavelmente, no *feed* de notícias nas redes sociais ou que se ouviu sem muita atenção na TV, fato que torna muito mais preocupante o nosso futuro como civilização.

A forma de dominação organizadamente articulada é tocada por todos os instrumentos rigorosamente afinados e regidos pelas mãos fantasmagóricas do Capital, tornando-se uma sinfonia da destruição, aos ouvidos dos lúcidos; mas soando como um belo canto da sereia, para os leigos e para quem assiste de camarote a esse concerto. Tomemos um dos produtos da própria indústria cultural para expressar esse pensamento. No filme *Matrix* (1999), Morpheus diz para Neo: “Você precisa entender, a maioria dessas pessoas não está preparada para despertar. E muitas delas estão tão inertes, tão desesperadamente dependentes do sistema, que irão lutar para protegê-lo”.

As subjetividades que no coletivo constituem o que denominamos de sociedade e dão significados ao mundo objetivo estão seguindo um caminho para ficarem padronizadas, como modelos uniformes em uma linha de produção. Imaginam que existe um livre arbítrio, já que se produz tanto e de tantas maneiras, mas não se percebem moldados pela sociedade em que vivem. Portanto, o que existe é a falsa sensação de liberdade, por apenas fazer escolhas entre A, B ou C e não reparar na possibilidade de questionar ou negar o sistema alfabético em si. Diz Marx, em seu discurso sobre o problema do livre-câmbio, em *Miséria da Filosofia* (1946, p. 194):

vocês, milhares de trabalhadores que sucumbem, não se desesperem. Vocês podem morrer tranquilos. Sua classe não desaparecerá. Será sempre suficientemente numerosa para que o capital possa dizimá-la, sem o temor de liquidá-la totalmente.

Aqui, neste comentário ácido, parece-nos que Marx está falando dos dias atuais. Pois, o descaso com as vidas perdidas de incontáveis trabalhadores (não devemos nos esquecer da subnotificação) por parte de governantes, locais e mundo afora, nos permite inferir que não fazem falta. São também incontáveis os homens-massa, como diria Sánchez Vázquez (1978); os que se vão, não chegam sequer a dificultar a reprodução do Capital.

A seguir, vamos nos voltar para a produção de músicos brasileiros, buscando desvelar as estratégias que têm sido usadas na divulgação de trabalhos artísticos, durante a pandemia. Mais especificamente, queremos compreender o uso que artistas têm feito do ferramental tecnológico disponível, no sentido de efetivar (ou não) a função da arte na vida das pessoas. Estamos supondo que a condição de isolamento físico, necessária ao controle do vírus da Covid-19, ampliou o uso dessas tecnologias pela impossibilidade

da realização presencial de *shows*, concertos etc. Pensamos, pois, que, neste momento histórico, configura-se uma “indústria do isolamento”, como apontado no título deste artigo. Entende-se essa “indústria” como uma adaptação da *indústria cultural* para a conjuntura que se pôs durante a pandemia, com o objetivo de continuar e até implementar o consumo de bens culturais como mercadorias; porém, agora mais que antes, de forma virtual ou até mesmo em situações restritas, como o reavivamento dos antigos *drive-in*, não apenas para o consumo do cinema, mas também eventos artísticos diversos, como *shows*, por exemplo. A nosso ver, é possível falar em “indústria do isolamento” com o apoio de Ludovico Silva (2017), quando elabora o seu conceito de “mais-valia ideológica”. Vejamos.

Pois se trata [a indústria cultural], em primeiro lugar, de uma *indústria*: indústria material, como qualquer outra indústria capitalista, com suas relações de produção e sua mais-valia material: um dos ramos da indústria do capitalismo contemporâneo. Mas, além disso, é cultural: se dedica à produção de todo tipo de valores e representações (“imagens”) destinadas ao consumo massivo, ou seja: é uma indústria ideológica, produtora de ideologia no sentido estrito, destinada a formar ideologicamente as massas, a dotá-las de “imagens”, valores, ídolos, fetiches, crenças, representações etc., que tendem a preservar o capitalismo (SILVA, 2017, p. 179 - grifo do autor).

E é *do isolamento*, pois se trata de explorar (no sentido capitalista: econômica e ideologicamente), sem muitos escrúpulos, a condição de isolamento físico a que fomos constringidos, desde o agravamento do contágio (aqui em nosso país, a partir de meados de março de 2020)⁶.

A principal questão que gostaríamos de responder pode ser assim formulada: considerando a obra de arte como trabalho criativo humano que encerra a possibilidade de elevação das consciências; mas, por outro lado, a submissão dessa possibilidade, sob o capitalismo, à lógica da mercantilização; e, desse modo, entendendo que o consumo mais extenso e profundo é o da arte de massas; têm os artistas se valido desses instrumentos tecnológicos para promover a superação da alienação?

MÚSICA NA QUARENTENA: REFLEXÕES

Aqui, não é nosso objetivo apresentar um vasto levantamento estatístico acerca da produção artística *on line*. Faremos, outrossim, algumas reflexões a partir dessa produção, na tentativa de desvelar o papel do artista e da arte, sobretudo, nesse momento que estamos vivenciando. Desde o início da pandemia, com a imposição de isolamento físico, adiamentos e cancelamentos de eventos, artistas reforçaram o uso de redes sociais e plataformas de compartilhamento de conteúdo. Nesse sentido, assistimos algumas *lives* e também outras formas de produção, como postagens e videocliques, de artistas brasileiros, de diferentes gêneros e estilos musicais, que aconteceram no período de 21.04

6. Não ignoramos que, para a vasta maioria da população, esse isolamento não se pode se realizar. Entretanto, no que toca às apresentações musicais ao vivo, as restrições estão mantidas, até o momento.

a 08.08.2020. Aqui, apresentaremos as que consideramos as mais representativas para as questões que nos movem, neste texto.

Considerando as diferenças entre esses formatos de publicação ou divulgação dos trabalhos artísticos, o foco da análise precisou se voltar também para diferentes elementos no trato do material coletado. Assim, nas *lives*, quisemos desvelar e compreender o conteúdo das mensagens transmitidas pelos artistas ao seu público: trataram de questões ligadas à pandemia? Em caso afirmativo, quais questões foram colocadas? Já nos videoclipes, voltamo-nos para as letras das músicas, uma vez que não há, nesse veículo, o contato simultâneo com o público. Vejamos.

De acordo com Souza Júnior *et al.* (2020), Sabia (2020) e Lives (2020), a cantora, compositora e instrumentista brasileira Marília Mendonça aparece, em primeiro lugar, entre as *lives* da plataforma *Youtube*, com maior número de espectadores simultâneos em todo o mundo, no ano de 2020, até do dia 08.08. Foram 3,3 milhões de espectadores. Esse número, porém, não chega a ser tão espantoso, uma vez que o sertanejo, é o estilo musical mais apreciado, em nosso país (ECAD, 2020). A *live* à qual nos referimos foi a do dia 08.05, intitulada “Live Marília Mendonça - #LiveLocalMariliaMendonca”⁷. A *live* fez parte da campanha “*Fique Em Casa e Cante #Comigo*” e teve 3h30 de duração. Vejamos no quadro abaixo o conteúdo das falas da artista, na *interação possível* com o seu público presente-distante.

Destaques da <i>live</i>		
Mensagem	Contexto	Momentos
Indica e instiga para que o público doe para o programa de impacto social Mesa Brasil por meio do QR Code disponível na <i>live</i> .	Nos intervalos das músicas a artista convida os espectadores a colaborarem e comenta ações do <i>Mesa Brasil</i> e outros programas de impacto social. Nos momentos finais da <i>live</i> , em 139:39, traz a informação de quantidades de alimentos arrecadados durante a <i>live</i> .	36:57 70:00 87:50 124:37 139:39 160:30
Comenta sobre programas de apoio ao pequeno empreendedor e pequeno negócio , programa <i>Cuide do Pequeno Negócio</i> da empresa <i>Stone</i> , anunciada como parceira da <i>live</i> .	Surge como gancho após os comentários sobre a importância e demais informações referente às doações. Além de se tratar de uma plataforma de apoio e incentivo ao consumo do comércio local, a artista incentiva o uso de redes sociais para aumentar a visibilidade desses pequenos empreendimentos locais.	36:00 107:28 117:14 187:50
Apontamento de ações de impacto social de grandes empresas e também das “parceiras” da <i>live</i> .	Essas empresas surgem destacadas como associadas a ações de impacto social, tanto envolvidas com as doações e o programa de apoio ao pequeno empreendedor (<i>Stone</i>), quanto envolvidas com ações não relacionadas a <i>live</i> (<i>Havaianas</i>).	36:00 36:57 117:14 124:37 166:21

7. MENDONÇA, Marília. **Live Marília Mendonça**. 2020. (3h29m49s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s-aScZtOfbM>. Acesso em: 14.06.2020.

Durante a *live* a artista recebeu uma mensagem do então ministro da saúde Henrique Mandetta, “Marília Mendonça, nosso cumprimento, que você faça uma boa *live* e que as pessoas curtam em casa, e que a gente não aglomere”. Respondendo a esse comentário a artista comenta, uma única vez durante a *live*, sobre a importância de os espectadores seguirem as recomendações do Ministério da Saúde. As empresas patrocinadoras da *live*, que aparecem como parceiros, são extensamente citadas e apontadas como promotoras das ações de impactos sociais.

No dia 21.04 aconteceu a *live* “Sandy e Junior I LIVE”⁸, com a participação dos artistas Sandy, Júnior e Lucas Lima. A transmissão ao vivo, na plataforma *Youtube*, foi excluída; assim, para a nossa tomada de dados, foi utilizada a cópia da *live*, disponível no mesmo *Youtube*. Também fez parte da campanha “*Fique Em Casa e Cante #Comigo*”. Na maior parte dos intervalos, os artistas leram os comentários dos espectadores e comentaram a quantidade de alimentos arrecadados. Vejamos no quadro abaixo.

Destaques da <i>live</i>		
Mensagem	Contexto	Momentos
Reforço da ideia de que o objetivo da <i>live</i> é arrecadar doações para pessoas em situação de vulnerabilidade. Instigaram os espectadores a doar por meio do QR Code da empresa <i>PicPay</i> , responsável por receber o dinheiro das doações.	Majoritariamente, em todos os intervalos entre músicas, os artistas comentaram ou receberam mensagens da empresa parceira da <i>live</i>, Casas Bahia , sobre a quantidade de alimentos arrecadados e instigaram os espectadores a atingirem determinadas metas de doações.	2:02 16:48 23:00 26:00 37:20 53:20 85:40 106:00 113:40
Recomendações para que os espectadores quanto ao uso de máscara e isolamento social . Os riscos de exposição e a importância do trabalho dos profissionais de saúde .	Em alguns intervalos, os artistas comentaram sobre experiências próprias ou de pessoas próximas quanto ao isolamento . Essas experiências envolvem a necessidade do uso de máscara, ajuda às pessoas do grupo de risco quanto a necessidade de sair de casa e também a importância do trabalho dos profissionais de saúde.	53:50 109:40 155:14

Apesar de ter características comuns a várias outras *lives* que ocorreram no contexto de isolamento físico, como a presença de empresas patrocinadoras promovendo ações de doação ou responsáveis pelo destino das doações arrecadadas, a *live* “Sandy & Junior” tocou diretamente em questões da realidade de pessoas que vivem com maiores riscos de contágio. Por outro lado, assim como nas outras *lives* que assistimos, as questões de ordem política, como a responsabilidade dos nossos governantes ante a situação trágica que vivenciamos, em momento algum, foram abordadas.

Vejamos agora algumas produções musicais de outro estilo, dentro do campo popular, conhecido como cultura hip hop. O sentido é ampliar o espectro de análise e

8. SANDY & Junior. **Sandy e Junior I LIVE**. 2020. (2h40m26s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8f-TOh_sM36I. Acesso em: 26.06.2020.

desvelar possíveis contradições entre os conteúdos da cultura de massa consumidos no Brasil. Trouxemos, então, produções musicais⁹ que tratam diretamente de questões do momento de crise atual.

Artista/música/ estilo	Data de lançamento/ número de visualizações	Sobre o que trata a letra da música
Mc Robs - Vidas negras importam/ Funk consciente	13 de junho de 2020/ 35.373 (vídeo clipe oficial)	O cantor relata a violência policial sofrida especificamente pelos negros. Cita a pandemia e a dificuldade das comunidades e periferias de enfrentar o vírus. Também é mencionado o caso da morte de George Floyd, que desencadeou os protestos recentes antirracismo. Trazendo a contradição e pedindo mudanças da realidade vivida.
Daniel Ordem Própria - Apocalipse poético/ Rap	21 de abril de 2020/ 14.092 (vídeo clipe oficial)	O cantor cita a luta indígena por suas terras contra grandes fazendeiros/latifundiários. Trata diretamente da pandemia atual, com fortes críticas ao posicionamento do governo, aos que batem panelas como protesto, as <i>lives</i> pretensiosas cheias de propagandas e a angústia humana vivida nesse momento.
Rincon Sapiência - Quarentena (Verso livre)/ Rap	8 de maio de 2020/ 245.471 (vídeo clipe oficial)	O cantor fala da impossibilidade de exibição do consumo, como carros e roupas caras, já que se recomenda ficar em casa. Cita a impossibilidade da televisão produzir conteúdo, optando pela repetição de programas e jogos de futebol. Alega que “votaram errado na urna”, criticando a posição do governo atual. Além de ressaltar as dúvidas que surgem sobre a vida pós-pandemia.

As músicas do quadro acima¹⁰, apesar de fazerem parte de estilos considerados como cultura de massas (funk e hip hop/rap), foram, em comparação com as *lives* que apresentamos anteriormente, muito menos acessadas. Como já vimos, a cantora Marília Mendonça conseguiu alcançar 3,3 milhões de visualizações simultâneas, enquanto o vídeo clipe mais visto do quadro, de Rincon Sapiência, teve cerca de 245,4 mil visitantes (considerando que essa contagem é cumulativa quando se trata de um conteúdo postado no *YouTube*, permanentemente; diferente dos conteúdos ao vivo, que muitas vezes saem do ar logo após o término do evento).

9. Mc Robs. Vidas negras importam. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iw6RLrHOIXE>>. Acesso em: 28.01.2021

Daniel Ordem Própria. Apocalipse poético. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hmbMDDwtbL4>>. Acesso em: 28.01.2021

Rincon Sapiência. Quarentena (Verso livre). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k_gsUc7LD10>. Acesso em: 28.01.2021

10. Seria interessante e pertinente fazer uma análise estética aprofundada dessas letras. Mas fugiria aos limites deste trabalho; fica, portanto, para uma próxima oportunidade.

Poderíamos ainda citar outras produções musicais da cultura hip hop que foram identificadas durante nossa busca: *Traidor*, de Eduardo Taddeo (ex-Facção Central), *Quarentena*, de Mv Bill, *Pela paz e pra guerra*, de Daniel Ordem Própria e Mv Bill e *O pobre tem seu lugar*, de Theus Costa e Mc Robs.

Pararemos por aqui com a exposição desse material empírico. Acreditamos que, mesmo sendo limitado, serviu para dar ao leitor um panorama representativo das produções musicais que vêm sendo feitas por artistas de diferentes gêneros e estilos, durante a pandemia que vivenciamos. Pensemos, agora, sobre essas produções à luz do referencial teórico que assumimos.

Na maioria das vezes, o objetivo explicitado pelos próprios artistas foi o de entreter as pessoas que estão em isolamento. Isso poderia ser entendido como um ponto positivo; por outro lado, aponta para uma perspectiva da arte como entretenimento, com função de fazer as pessoas se “desligarem” dos problemas; como algo que opõe: trabalho/desprazer/razão *versus* entretenimento/prazer/emoção. Como afirma Frederico (2013), essa arte também é importante e tem um lugar na vida humana, mas é forçoso reconhecer que não promove conscientização. Manter o sustento dos artistas e obter doações para pessoas em situação de vulnerabilidade também são outros pontos que poderíamos considerar positivos. Entretanto, da perspectiva materialista histórica e dialética, que fundamenta nossas reflexões, é preciso desvelar os múltiplos determinantes de tais ações - sem desmerecer seu valor premente para aqueles que delas vieram a se beneficiar.

Em alguns casos, sobretudo quando se enfatizou repetidas vezes o apoio dos patrocinadores, essas ações denotam o processo de mercantilização que sofre a arte e, também, o artista, na sociedade capitalista (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 1978, ADORNO; HORKHEIMER, 1985, SILVA, 2017). Embora se possa pensar que alguma necessidade humana estivesse sendo satisfeita, nesse caso, o processo assumiu uma feição ainda mais estranhada: ao mesmo tempo em que é mercadoria, a arte ajuda a vender (convencer?) - estamos nos referindo ao papel dos artistas na promoção da imagem de seus patrocinadores como benfeitores, filantropos etc. Não deixa de se configurar como ocultamento das relações sociais engendradas pelo sistema capitalista - a exploração dos trabalhadores por aqueles que detém os meios de produção.

Ludovico Silva, ao postular a ideia de “mais-valia ideológica”, como a expropriação da *consciência* dos indivíduos, da sua “*força de trabalho intelectual*” (SILVA, 2017, p. 188 - grifos do autor), afirma ainda que alguns artistas são, eles mesmos, “*os maiores produtores de mais-valia ideológica* para o sistema” (SILVA, 2017, p. 191 - grifos do autor). São, ao mesmo tempo, explorados e exploradores a serviço do sistema; arte e artista tornam-se, assim, os melhores ideólogos do capital; por isso, o filósofo venezuelano parte do termo “*indústria cultural*”, de Adorno e Horkheimer, e o expande, afirmando tratar-se de “*indústria ideológica*”.

Voltemos ao material empírico. Como vimos, a questão da pandemia e tudo o que a cerca não foi tocada, em profundidade - exceção feita às produções da cultura hip hop e do funk. Quando apareceu, o enfoque foi a questão da sobrevivência: na *live* de Sandy & Júnior, referiram-se aos profissionais de saúde, à necessidade de cuidados e às “obrigações” daqueles que podem ficar em isolamento, foram feitos agradecimentos aos que estão trabalhando etc.; na *live* de Marília Mendonça, referiu-se às pessoas que precisam continuar trabalhando e à necessidade de contribuir com os pequenos negócios locais. Essas questões são importantes, mas tocam apenas a superfície do problema que vivenciamos, além de se correr o risco de naturalizá-lo; ademais, promovem uma total desresponsabilização dos governantes frente às dificuldades pelas quais passa a maioria esmagadora da população. Não apontando para a função dos governantes, ante a pandemia, e dando destaque à atuação das empresas na solução dos problemas sociais, são reforçadas, subliminarmente, concepções muito caras à ideologia neoliberal que tem orientado a nossa política econômica¹¹. Além disso, ao tirar a responsabilidade dos governantes, passa-se a responsabilizar o indivíduo - são as pessoas, individualmente, que têm que tomar os cuidados, manter o comércio ativo etc.

Embora reconheçamos que as pessoas estão precisando de alento, essas ações podem reforçar um certo conformismo diante da situação – uma perspectiva de que é só ter calma e esperar porque “vai passar” etc. Não estamos postulando a máxima “quanto pior, melhor”; isso seria tripudiar sobre as angústias e os sofrimentos daqueles que não estão podendo satisfazer suas mínimas necessidades de sobrevivência. Mas não vimos reveladas, no material empírico, as possibilidades da arte como instrumento de superação da alienação - exceção feita à produção da cultura hip hop, sobre a qual já falaremos. Na maior parte das *lives* e postagens, a atuação dos artistas não chega a promover a elevação das consciências, no sentido de uma compreensão superior da vida; não promove, tampouco, a ação de transformação da realidade. Sendo assim, não há, na maioria dos casos, um uso contraditório dos instrumentos tecnológicos da indústria cultural, a favor da ampliação das consciências, como era a nossa preocupação inicial.

Como dissemos, a exceção fica por conta das produções da cultura hip hop (nas letras dos rap e do funk, como se pode conferir no quadro 3) que tratam diretamente dos problemas enfrentados, sobretudo, neste momento, pelas populações periféricas. De fato, as manifestações culturais do hip hop têm, desde o início, esse caráter especificamente conscientizador. O quanto se alcança, efetivamente, em termos de conscientização nas comunidades de onde os artistas são oriundos, é assunto para um outro estudo.

É importante ressaltar que estamos cientes de que a situação apontada em nossas análises não é inédita ou conjuntural. Arte e artista, na sociedade capitalista, só a duríssimas penas conseguem se desvencilhar da lógica mercantilizante. Neste momento,

11. Não estamos afirmando que os artistas tenham (ou não) consciência disso. Esse não é o aspecto em análise. Entretanto, lembramo-nos de que, sob a égide do capital, nenhum trabalhador é verdadeiramente livre.

porém, de agudização das contradições, a produção artística aqui apresentada - mais uma vez, com exceção dos rap e do funk - revela uma face ainda mais obscura da vida humana, sob esse modo de organização societária. Em algumas das *lives* que aqui apresentamos, configura-se a mercantilização da própria tragédia que vivemos, neste momento - o que se viu, em alguns casos, foi *venda*, com fim de obter lucro (ainda que, no momento, esses lucros possam não ser financeiros). Além disso, por se fundar na ideia de entretenimento, de fazer as pessoas espairecerem, se esquecerem das dificuldades, ao fim e ao cabo, distanciamos-nos (alienamos-nos) de todos os que não estão em condições de usufruir do entretenimento (os que não tem casa, os que não tem televisão, celular, internet, os que não tem o que comer, os que não tem como lavar as mãos, os que estão trabalhando, os que estão nos hospitais, nos cemitérios); isso nos entorpece o espírito e nos desconecta de nossa *condição humana*. Tudo diverge da função da arte e do artista na vida das pessoas, conforme os autores que trouxemos ao debate (VIGOTSKI, 1998; SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 1978).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como palavras finais, vamos retomar rapidamente o percurso que traçamos, neste texto. Para responder à nossa questão sobre o uso dos aparatos da indústria cultural na superação da alienação, sobretudo, durante a pandemia de Covid-19, assumimos como fundamento teórico o materialismo histórico e dialético, nas formulações de Vigotski (1998) - sua concepção de arte e papel da arte na vida humana - e de Sánchez Vázquez (1978) - sobre as determinações da arte no capitalismo. Buscamos também a contribuição de Adorno e Horkheimer (1985), para a explicitar o conceito de *indústria cultural*, e de Ludovico Silva (2017), que postula a ideia de *mais-valia ideológica* como a energia intelectual *sequestrada* do trabalhador, em seus momentos de não-trabalho.

A resposta que alcançamos, neste estudo, não pretende ser definitiva; mas, sem dúvida, expressa algo sobre a sociedade em que vivemos. Não conseguimos vislumbrar, na maioria do material analisado, aquela força transformadora, aquele potencial catártico, anti-alienação ao qual se refere Vigotski (1998). O artista submetido à lógica da mercantilização, coisificado, não pode oferecer ao público uma criação que seja, efetivamente, expressão de sua *humanidade*, de suas forças essenciais; tampouco, pode atuar de maneira revolucionária. Ao contrário, acreditamos que suas ações apenas podem gerar conformismo e acomodação, submissão e passividade - alienação. Quem perde e quem ganha com isso? Indiscutivelmente, ganha a ideologia dominante. Perde a arte, e perdem todos os homens. As exceções, porém, denotam as possibilidades da arte e do artista na elevação das consciências, mesmo sob a égide do capital. A tarefa, entretanto, é complexa. Não nos iludamos! “Para arrancar os homens coisificados, alienados, da *arte de massas* - que consomem diariamente - e fazê-los gozar uma autêntica arte, deve-se

primeiro arrancá-los de sua coisificação ou alienação” (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 1978, p. 299 - grifos do autor).

Finalizamos com a emblemática frase de Lênin, “sem teoria revolucionária, não há movimento revolucionário” (LÊNIN, 2010, p. 81). O autor expressa aqui a importância da produção teórica, tão necessária quanto a prática, nas lutas econômicas e políticas pela transformação social. Isso não exclui a arte; muito pelo contrário.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. In: Obras escolhidas I. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOTELHO, Maurílio Lima. **Epidemia econômica: Covid-19 e a crise capitalista**. *Blog da Boitempo*, 2 Abr, 2020. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2020/04/02/epidemia-economica-covid-19-e-a-crise-capitalista/?shared=email&msg=fail>. Acesso em: 16.06.2020.

_____. **Um mundo afogado em capital: a queda global da taxa de juros e a nova rodada da crise estrutural do capitalismo**. *Blog da Boitempo*, 29 Nov, 2019. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2019/11/29/um-mundo-afogado-em-capital-a-queda-global-da-taxa-de-juros-e-a-nova-rodada-da-crise-estrutural-do-capitalismo/>. Acesso em: 16.06.2020.

CARVALHO, Bruno L. P. **O controle da cultura e da arte na Alemanha nazista (Artigo)**. In: Café História – história feita com cliques. Disponível em: <<https://www.cafehistoria.com.br/o-controle-da-cultura-e-da-arte-na-alemanha-nazista/>>. Acesso em: 08.08.2020

ECAD comprova: sertanejo é o ritmo mais ouvido no Brasil. *Ecad*. 2018. Disponível em: <<https://www3.ecad.org.br/em-pauta/Paginas/ecad-comprova-sertanejo-e-o-ritmo-mais-ouvido-no-brasil.aspx>>. Acesso em: 10.06.2020.

FREDERICO, Celso. *A arte no mundo dos homens: o itinerário de Lukács*. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

FROMM, Erich. *A arte de amar*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

GOUVÊA, Marina Machado. **A culpa da crise não é do vírus**. In: MOREIRA, Elaine et al. (org.). *Em tempos de pandemia: propostas para a defesa da vida e de direitos sociais*. Rio de Janeiro: UFRJ. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Escola de Serviço Social, 2020. p. 19-28. Versão online disponível em: http://www.cress-es.org.br/wp-content/uploads/2020/05/1_5028797681548394620.pdf#pandemia.indd%3A.22648%3A229. Acesso em: 16.06.2020.

LÊNIN, Vladimir I. *Que fazer? Problemas candentes do nosso movimento*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

LIVES sertanejas dominam ranking mundial de audiência. *Estadão*, São Paulo, 20 de maio de 2020. Seção Cultura. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/blogs/divirta-se/lives-sertanejas-dominam-ranking-mundial-de-audiencia/>. Acesso em: 10.06.2020.

MATRIX. Direção: Lana Wachowski e Lilly Wachowski. Produção: Village Roadshow Pictures e Silver Pictures. Estados Unidos: Warner Bros, 1999. 1 DVD

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2010.

_____. *Miséria da filosofia: resposta à Filosofia da Miséria do Sr. Proudhon*. São Paulo: Flama, 1946.

_____. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.

RODRIGUES, Lucas de O. **Sociedade de massa**. *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/sociedade-massa.htm>. Acesso em: 21.05.2020.

SAIBA quem são os artistas sertanejos que dominam a lista das 10 lives musicais mais vistas do mundo. Movimento Country, 2020. Disponível em: <https://www.movimentocountry.com/10-lives-mais-vistas>. Acesso em: 10.06.2020.

SÁNCHEZ VÁZQUEZ, Adolfo. *Convite à estética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

_____. *As ideias estéticas de Marx*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

SILVA, Ludovico. *A mais-valia ideológica*. Florianópolis: Insular, 2017.

SOUSA JÚNIOR, J. H. de *et al.* “# FIQUEEMCASA E CANTE COMIGO”: ESTRATÉGIA DE ENTRETENIMENTO MUSICAL DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19 NO BRASIL. *Boletim de Conjuntura (BOCA)*, v. 2, n. 4, p. 72-85, 2020.

TEOREMA. Direção: Pier P. Pasolini. Itália, 1968. 1 DVD

VIGOTSKI, Lev S. *Psicologia da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise do Discurso 59, 72, 93, 109, 135, 136, 138, 146, 150, 155

Argumentação 66, 83, 84, 85, 86, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 104, 108, 109, 110, 131, 137, 140, 141, 146, 180

Artes 68, 70, 157, 163, 164, 165, 187, 203, 207, 210, 212, 217, 222, 237, 254, 257, 277, 279, 281

C

Canto 2, 166, 203, 204, 207, 212, 213, 214, 225, 280

Consultoria Musical 252, 255

D

Dialogismo 109, 123, 147, 150, 153

Discurso 2, 4, 5, 6, 17, 25, 58, 59, 60, 61, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 78, 84, 85, 86, 90, 93, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 104, 108, 109, 110, 113, 114, 116, 120, 122, 123, 124, 126, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 142, 144, 145, 146, 150, 155, 166, 178, 180, 184, 186, 193, 205, 210, 211, 215, 218, 223, 241, 243, 249, 250, 271

E

Estilos 81, 124, 157, 167, 170, 171, 186, 217, 218, 219, 220, 223, 226

F

Formas de Tratamento 15, 16, 17, 18, 19, 24, 25

G

Gêneros Textuais 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 119, 120, 121, 284

H

Histórias 42

I

Ideologias 124, 132

J

Jornais 5, 122, 123, 130, 131, 132, 133, 134, 274

L

Letras 25, 44, 94, 95, 96, 109, 111, 121, 145, 165, 168, 170, 172, 187, 215, 217, 259, 260, 263, 266, 270, 271, 284

Língua de Herança 26, 27, 38, 39

Linguagem Oral 40, 44, 45, 46, 48, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 124

Língua Portuguesa 1, 13, 25, 26, 28, 33, 44, 58, 110, 215, 284

Linguística 17, 18, 26, 39, 41, 46, 47, 52, 58, 59, 62, 73, 109, 113, 114, 119, 120, 121, 134, 139, 284

M

Multimodalidade 83, 84, 87, 94

Música 8, 9, 11, 148, 149, 152, 153, 154, 155, 157, 167, 170, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 183, 184, 187, 191, 198, 200, 201, 202, 203, 206, 207, 212, 214, 217, 218, 222, 223, 224, 226, 227, 228, 233, 237, 239, 240, 250, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 265, 266, 267, 268

P

Performance 68, 112, 176, 177, 178, 179, 180, 184, 186, 187, 188, 202, 204, 220, 223, 227

Processo de Musicalização 252, 255

R

Representação Japonesa 272, 273

S

Samba 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 270, 271

Subjetividade 74, 75, 76, 78, 79, 80, 81, 83, 139, 143, 146, 221

Sujeitos 58, 59, 60, 61, 62, 65, 66, 68, 70, 71, 72, 75, 76, 79, 80, 91, 96, 125, 151, 161, 261

T

Tempos Verbais 1, 7, 13, 142

V

Viola 197, 203, 204, 205, 207, 212, 213, 214

Linguística, Letras e Artes:

Sujeitos, Histórias e Ideologias

- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉ contato@atenaeditora.com.br
- 📷 @atenaeditora
- 📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

2

 **Atena**
Editora

Ano 2021

Linguística, Letras e Artes:

Sujeitos, Histórias e Ideologias

- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉ contato@atenaeditora.com.br
- 📷 @atenaeditora
- 📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

2

 **Atena**
Editora

Ano 2021